

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Faculdade de Ciências e Letras  
Câmpus de Assis

**Relatório Final de Iniciação Científica**

**MULHERES CONTEMPORÂNEAS: *THE HANDMAID’S TALE* REAL?**

**Rafaela dos Santos Batista**  
**(017) 99627-1633**  
[rafaelabatista2001@icloud.com](mailto:rafaelabatista2001@icloud.com)  
[rafaelabatista2001@gmail.com](mailto:rafaelabatista2001@gmail.com)  
[rafaela.batista@unesp.br](mailto:rafaela.batista@unesp.br)

Relatório Final de Iniciação Científica  
PIBIC- Processo Número 800436/2018-0

**Orientação:** Luciane de Paula

Assis  
2020

**Resumo:** A série *The Handmaid's Tale* (2017, 2018, 2019) retrata uma sociedade distópica cujos valores são calcados em um regime patriarcal e teocrático. Nosso objetivo é analisar as vozes sociais vinculadas às personagens principais da série que ora compactuam com a ideologia reacionária e ora entram em resistência. Para tal, utilizaremos a teoria bakhtiniana e, principalmente os conceitos de sujeito, enunciado, diálogo, superestrutura e infraestrutura, reflexo e refração, vozes sociais e ideologia. Pretendemos também a partir dos conceitos do Círculo russo analisar além dos elementos verbais, assim este enunciado é verbivocovisual e inclui também a investigação de elementos visuais e sonoros, pois entendemos a palavra como tridimensional. Para concluir as discussões sociais pensaremos o enunciado estético a partir das concepções de gênero de Beauvoir e Saffioti.

**Palavras-chave:** Ideologia, Círculo de Bakhtin, Gênero, Resistência.

**Abstract:** The series *The Handmaid's Tale* (2017, 2018, 2019) portrays a dystopian society whose values are based on a patriarchal and theocratic regime. Our purpose is to analyze the social voices linked to the main characters of the series, who sometimes co-operate with the reactionary ideology and sometimes come into resistance. For to do that, we will use the bakhtinian theory and, especially the concepts of subject, statement, dialogue, superstructure and infrastructure, reflection and refraction, social voices and ideology. We also intend from the concepts of the russian Cycle analyze beyond of verbal elements, so this statement is “verbivocovisual” and also includes the investigation of visual and sound elements, because we understand the word as three-dimensional. To conclude the social discussions we will think the aesthetic statement from the conceptions of gender of Beauvoir e Saffioti.

**Keywords:** Ideology, Bakhtin Circle, Gender, Resistance.

## SUMÁRIO

Introdução.....	4
1. Material e Métodos.....	6
2. Contexto sócio-histórico da produção do romance e da série .....	7
3. Gênero: construção social ou fator biológico? .....	9
3.1. O nó patriarcado-racismo-capitalismo e a hierarquia feminina.....	11
4. <i>The Handmaid's Tale</i> vista por uma perspectiva bakhtiniana: elementos basilares da teoria.....	13
4.1. Sujeito-mulher .....	13
4.1.1. Vozes sociais e hierarquia .....	14
5. Arte e vida: <i>The Handmaid's Tale</i> em diálogo com a contemporaneidade.....	17
5.1. Em cena .....	19
Considerações finais: discussão dos resultados.....	24
Referências .....	25

## Introdução

A presente pesquisa, a partir da série *The Handmaid's Tale* (2017, 2018, 2019), tem como **objetivo** analisar o modo como os sujeitos deste enunciado estético podem refletir e refratar a vida a partir de seus ajustes socioculturais e valorações ideológicas que atingem um público massivo. Para isso, analisamos a formação das vozes sociais que constituem as quatro personagens femininas: Serena Joy, Offred/June, Rita e Tia Lydia, cada uma delas pertencem a um grupo de mulheres, com funções diversas que determinam sua posição em Gilead. A **pesquisa se fundamenta nos estudos bakhtinianos de linguagem**, no qual o discurso não é somente linguístico, mas também meio para ideologias se materializarem, logo, é no enunciado de cada personagem que percebemos as axiologias vigentes na sociedade fictícia que refletem e refratam a vida, assim, associamos as questões sociais da série com a atual sociedade brasileira.

Na análise do *corpus*, o apoio usado vem das estudiosas sobre gênero, Simone de Beauvoir e Heleieth Saffioti, que apontam a situação da mulher de acordo com o sistema vigente. É pelo nó patriarcado-racismo-capitalismo (1987) como sistema de dominação-exploração da mulher, criado pelo homem branco e rico que detém seu poder de macho (1987) que o fator biológico da mulher será encarado como sua função social, e desta forma a mulher terá o papel de mãe e esposa sempre presa ao homem, sendo um segundo sexo (2009). A questão central da série é como as mulheres são subjugadas e não detém controle de seus próprios corpos já que o sistema teocrático do governo de Gilead impute o papel biológico e divino da mulher, o qual foi o propulsor da divisão da hierarquia feminina presente no enunciado estético, pois o que move a sociedade fictícia é a reprodução e a maternidade. Por isso, ao abordar as questões de gênero da série é essencial associá-los a vida contemporânea da mulher, esta é a chave para entender como o corpo feminino ainda sofre com a ideologia sistêmica em voga, pois a perspectiva teórica entende que enunciados estéticos não são construídos isolados da vida, mas são a partir dela construídos e a ela se volta, alterando-a.

A série *The Handmaid's Tale* (2017, 2018, 2019) é baseada no romance de Margaret Atwood (1985) e foi produzida pela *Hulu*, empresa americana de entretenimento. O enunciado aborda a opressão de gênero em sua temática, é pela visão distópica que o machismo é elevado ao extremo. O enredo ocorre nos Estados Unidos que a partir da tomada do poder por uma elite religiosa, se torna República de Gilead, e a sociedade após grandes mudanças se transforma em um sistema tirano. A mudança extrema foi possível pois os Estados Unidos passavam por uma baixa taxa de natalidade, e essa elite religiosa ao se apoiar nos preceitos bíblicos como constituição, tomaram o poder e dividiram os sujeitos em grupos com funções específicas para que o número de nascimentos no país aumente. Para tal, as mulheres são divididas em cinco categorias: Esposas (esposas dos líderes, inférteis), Marthas (responsável pelo serviço doméstico na casa dos líderes), Tias (religiosas que educam e punem Aias desobedientes das novas imposições da elite), Aias (mulheres férteis capturadas para gerar filhos para os líderes) e Econoesposas (esposas de homens da classe baixa). Há também as mulheres não socializadas: Não-mulheres, que são vistas como pecadoras (o grupo LGBTQ+ que se rebela é aqui incluído) que não concebe filhos e estão nas Colônias, e as Jezebeis, uma classe secreta mantida como prostitutas de Gilead.

A série mostra pela visão da Aia Offred/June, como as Aias são estupradas numa cerimônia mensal nas casas dos líderes para que as esposas possam atingir seu papel divino de ser mãe, demonstra como as Aias são exploradas e encerradas em seu papel de ser um útero e não um sujeito, assim diversas vezes elas são mostradas sendo mutiladas pelas Tias caso desobedeçam, sendo rebaixadas pelas Esposas, e também servindo como uma segunda funcionária ao ajudarem as Marthas com serviços domésticos. Esses fatos são analisados para expor a exploração da mulher como objeto reprodutor e a função maternal como única da mulher, dessa forma, não há como não associar com o tratamento dispensado a mulher nos dias atuais, assim cada classe de mulher da série reflete e refrata uma classe de mulher real, o que **justifica** a relevância social desta pesquisa.

Tendo em vista os aspectos observados, dentro da série há vozes em resistência que lutam para que as mulheres sejam vistas como sujeitos autossuficientes e com funções dignas, mas há também mulheres que em situações melhores (ainda que sofram com o machismo) ajudam a perpetuar a ideologia vigente para que certos privilégios sejam alcançados, já que o discurso

patriarcal e teocrático proclama uma ideologia que penetra nos sujeitos e em suas relações sociais. Portanto, é nas relações que as personagens femininas vão estabelecer e na hierarquia que pertencem que buscamos entender a ideologia vigente e como ela molda a mulher, sempre pensando como a arte volta-se para a vida.

Com vistas a cumprir o que se propõe no projeto (plano de trabalho), desenvolveu-se um panorama bibliográfico teórico de fundamentação para as análises empreendidas; uma coleta de dados do material, segundo critérios estabelecidos; e, por fim, a interpretação dos dados construídos, à luz dos estudos bakhtinianos.

Como parte do desenvolvimento da pesquisa, os resultados foram divulgados na forma de apresentações de trabalho em eventos (1ª fase do CIC, em 2019 e em 2020; entre outros) e publicações de artigos em coautoria com a orientadora em periódicos B1 e B2 estão em avaliação no no prelo (a saber: “Um lugar de violência: perspectiva dialógica do corpo em *The Handmaid’s Tale*”, na Revista *Polifonia*, em 2020 – no prelo, previsto para ser publicado em dezembro; e “O aprisionamento da mulher: uma análise dialógica de *The Handmaid’s Tale* na contemporaneidade”, submetido e em avaliação na Revista *Leitura*, em 2020 ).

Dado o limitado tamanho exigido em edital para a confecção deste relatório de pesquisa, este texto apresenta apenas uma parte das atividades realizadas e se estrutura da seguinte maneira: Introdução; Material e Métodos como primeira seção; Contexto sócio-histórico, como segunda seção; Discussão dos dados das terceira à quinta seções, divididas da seguinte forma: reflexões sobre gêneros, na terceira seção; concepções teóricas de enunciado, diálogo, sujeito, voz social e ideologia, na quarta seção; análise do enunciado seriado, inclusive em cotejo com o Brasil contemporâneo, na quinta seção; e, por fim, as considerações finais com os resultados e as referências bibliográficas.

## 1. Material e Métodos

A presente pesquisa parte-se dos estudos do Círculo de Bakhtin para compor as reflexões, o método utilizado é o dialético-dialógico proposto por Paula *et al* (2011), pois “para o Círculo, o movimento é dialógico (ou dialético-dialógico) porque, apesar de considerar o movimento dialético (com todos os seus elementos: tese, anti-tese e síntese), não admite a síntese como superação, mas como continuação do diálogo travado anteriormente” (p. 14), dessa forma, o ponto nevrálgico da teoria bakhtiniana é o diálogo e diante disso, buscamos analisar o movimento das vozes sociais, isto é, foi pensado quem e quando em determinadas situações defendem, questionam ou negam determinados valores, pois é no jogo dialético-dialógico que opositos digladiam no discurso por meio de vozes sociais, e é nessa relação eu/outro que a seguinte pesquisa se calca.

Na série escolhida, ora o espectador entra em contato com personagens com o posicionamento axiológico que materializa a voz patriarcal e ora com personagens que questionam esses valores, ou até um mesmo sujeito que questiona e defende os valores conservadores e tradicionais. Assim, o jogo de vozes sociais em embate acontece no enunciado estético e os sujeitos que materializam as vozes se constroem mutuamente nesta luta, pois a alteridade mesmo que não mude os valores, de algum modo influencia. Assim sendo, a partir desse embate ideológico, buscamos analisar a formação das vozes sociais das quatro personagens citadas.

Cada uma das personagens pertence a grupos/categorias de mulheres, cada uma tem uma função social a seguir, portanto, o critério de analisar suas vozes parte do pressuposto de pensar a sociedade para a mulher e a função que ela tem em cada grupo, assim foi pensada a hierarquia feminina da série, porém, a sociedade não é estruturada apenas com base no gênero, logo, com base no conceito do nó patriarcado-racismo-capitalismo de Saffioti (1987) a ideologia cerne da estrutura capitalista e racista também é analisada para perceber o lugar social dos sujeitos e conseqüentemente suas vozes sociais, e com base na série, a ideologia teocrática também é extremamente necessária ser analisada para entender toda a propensão social deste enunciado.

A pesquisa discute e estuda as vozes sociais realizando um recorte das cenas e diálogos de modo que evidencie a estrutura hierárquica, e, tais recortes também se estende para a questão base da série: a maternidade como função principal da mulher. Para tal fim, pensamos a perspectiva biológica que a sociedade fictícia usa como pressuposto para definir a mulher, e partimos dos estudos de Beauvoir (2009) para analisar tal conceito.

A partir dos estudos bakhtinianos, acreditamos que a arte de baseia na vida e a ela se volta, sendo um reflexo e refração de valores e sujeitos existentes, e dessa maneira, é possível pensar a partir da série as ideologias que vogam atualmente, portanto, colocamos a série em um constante diálogo com a realidade, trazendo uma relação de *The Handmaid's Tale* (2017, 2018, 2019) com a vida e especificamente com a sociedade brasileira atual a partir de *posts* em redes sociais.

## 2. Contexto sócio-histórico da produção do romance e da série

A série *The Handmaid's Tale* (2017, 2018, 2019) produzida pela *Hulu*, é uma adaptação do romance de mesmo nome escrito pela canadense Margaret Atwood e publicado em 1985. O enredo do romance mostra os Estados Unidos que após sofrer com uma baixa taxa de natalidade por questões climáticas, passa por uma reestruturação social onde o regime democrático de torna autoritário, teocrático e militar, e assim este país se torna a República de Gilead. Nesta nova região a bíblia passa a ser constituição, e seguindo preceitos religiosos, novas decisões políticas que tendem ao conservadorismo e aos valores tradicionais são tomadas pelos homens da elite que detém o poder e, uma vez imposto a nova ideologia, as mulheres, que sempre foram desprivilegiadas, mais uma vez sofrem com a retirada de sua liberdade já que passam a ser divididas em grupos, pois, pensando na reprodução e nas questões econômicas envolvidas, se baseiam na maternidade divina que a religião sempre incutiu nas mulheres para as dividirem em Aias, Esposas, Marthas, Tias e Econoesposas. As poucas férteis que sobraram são retiradas de suas famílias e vidas normais e são treinadas nos Centros Vermelhos para serem Aias, elas servirão aos poderosos como útero para que as mulheres desta elite (Esposas) possam atingir seu papel de mãe, as Marthas serão domésticas para a elite, as Tias serão as mulheres que treinam Aias para seguirem suas funções e as punem se não obedecerem e as Econoesposas serão esposas de homens de classe baixa.

A questão central do romance são as mulheres-úteros, é a partir da visão da Aia Offred que toda a ideologia e violência do romance e da série será mostrada. A narradora, que vivia uma vida normal, passa pelas pequenas mudanças na sociedade até chegar a estrondosa Gilead, e de repente se vê aprisionada na casa e ao Comandante Fred Waterford, ao qual ela deve servir e gerar um filho fruto da relação sexual (estupro) do ritual mensal que todas as Aias são submetidas. Essas mulheres e o Comandante da casa se relacionam na Cerimônia, ritual este inspirado em passagens bíblicas entendidas em sentido literal, logo, as Aias devem reproduzir, elas são úteros ambulantes.

Destarte, o romance e a série apresentam a função de mãe, que é defendida pela ideologia cristã, como obrigação e destino para as mulheres, A Esposas são as mulheres da elite, logo, são as que devem realizar o papel que a ideologia que seus maridos colocam em prática impõe, devem ser a mãe divina, mas como não podem gerar filhos, usam as mulheres (de outra classe social) férteis para chegarem ao seu objetivo. A Aia não é o corpo que deve ser mãe e sim o corpo violentado para que a mulher poderosa possa ser. É a perspectiva cristã que segrega as mulheres, assim os autores faz uma forte crítica a esta ideologia enraizada e muitas vezes ainda usada por governantes.

De maneira distópica, tanto o romance quanto a série representam as opressões sofridas pelas mulheres no mundo real, o que se explora são essas violências que ao longo da história as mulheres sofrem, até hoje as mulheres não controlam seus corpos, não agem como querem pois se encontram presas em regras criadas pelos homens, pois de acordo com Pereira (2019), “Embora a narrativa imagine um futuro obscuro, a autora se inspirou em eventos reais passados para tecer as características dessa sociedade” (p. 3093), então é do solo social real que a narrativa aqui analisada se parte, esta problematiza situações reais e as intensifica, já que podem um dia se tornarem reais.

A contracultura dos anos 60 e 70 é detida nos anos 80 com o conservadorismo e tradicionalismo, assim, é notório o movimento dialógico em embate ao longo da história, sendo este um período de lutas entre vozes sociais. Nesta época, os movimentos de resistência foram suprimidos pela ideologia reacionária que entrava em voga mais uma vez, foi nos anos 80 que o símbolo de empoderamento usado em 1941, no período da Segunda Guerra, foi usado contra as mulheres. Como símbolo de emancipação feminina, a imagem da “supermulher” que trabalha, é mãe e dona de casa foi útil para que a mulher ocupasse o posto de trabalho do homem que lutava na guerra. Ao fim da guerra, as mulheres tiveram que voltar para a posição secundária, o protagonista voltou a ser o homem, isto posto, percebe-se como na sociedade real o homem manipula a mulher e seu lugar de acordo com o que necessita a ideologia vigente, os padrões impostos determinam os papéis que o homem e que a mulher pode ocupar. Entretanto, nos anos 80 esse símbolo foi usado como provocação, seria exaustivo para a mulher realizar tantas tarefas, dessa forma, a mulher desistiria de lutar e resignaria. De fato, o romance nasceu no contexto conservador e Atwood usa da forma distópica para acentuar todas as mudanças ideológicas:

Atwood escreveu *O conto da aia* em momento de política reacionária, em que o governo Reagan promoveu privatizações, afrouxamento de direitos trabalhistas, aumento nos gastos militares, cortes nos gastos públicos e redução de impostos. Além de surgimento de grupos políticos que defendiam valores familiares tradicionais, se colocando contra o aborto e os direitos dos homossexuais. Foi também um momento de crescimento da articulação política de cristãos conservadores, como o *Moral Majority* e popularidade dos programas de televisão evangélicos (PEREIRA, 2019, p.3090-3091).

Diante disso, a época do romance foi perpassada por axiologias tradicionais onde a ideologia cristã era um grande influente, portanto, a maternidade era a função e o destino da mulher, por isso a crítica do romance toma esse caminho:

A Igreja exprime e serve uma civilização patriarcal na qual é conveniente que a mulher permaneça anexada ao homem. É fazendo-se escrava dócil que ela se torna também uma santa abençoada. Assim, no coração da Idade Média, ergue-se a imagem mais acabada da mulher propícia aos homens: a figura da Virgem Maria cerca-se de glória. É a imagem invertida de Eva, a pecadora; esmaga a serpente sob o pé; é a mediadora da salvação como Eva o foi da danação (BEAUVOIR, 2009, p. 245-246).

A mulher é vista como uma santa abençoada com a dádiva de procriar e se escolhe esse caminho ela se torna como Virgem Maria, mas caso não, é uma pecadora, como Eva. O livro e a série mostram como as mulheres de elite que se tornam “mães” e não vão contra a ideologia são tratadas bem na medida do possível e como as mulheres resistentes neste regime são rechaçadas.

O momento atual se baseia nos valores cristãos e conservadores, mais uma vez as mulheres estão sendo encerradas no viés maternal. Em 2017, período que a série foi exibida pela primeira vez, Donald Trump assumiu a presidência dos Estados Unidos, o que trouxe à tona as antigas preocupações, pois o novo presidente é conhecido por seus comentários conservadores e misóginos.

Por conseguinte, a série é um sucesso já que as mulheres reais atuais se identificam com as opressões das personagens, as mulheres ainda são escravas da maternidade nesta sociedade onde o aborto é visto como crime e pecado pois as Igrejas pregam que a mulher deve ser mãe e esposa. É óbvio portanto que a narrativa da série serve de alerta para um cenário de retrocesso que um dia poderá acontecer. Em agosto de 2018, no Brasil e na Argentina, mulheres se vestiram de Aias para reivindicar a descriminalização do aborto e lutar pelos direitos reprodutivos da mulher:



Figura 1: Mulheres se vestem de aias para reivindicar o direito ao aborto em frente ao STF<sup>1</sup>



Figura 2: Mulheres argentinas se vestem de aias para reivindicar o direito ao aborto<sup>2</sup>

Fica claro então que as mulheres do século XXI buscam a resistência contra o sistema que as oprimem, assim como algumas Aias da série, portanto, o objeto estético parte-se da realidade e dá a ela um acabamento artístico em nova perspectiva, assim, tanto na série como na vida, a moral conservadora, teocrática e patriarcal busca perpetuar papéis de gênero.

O Brasil atual passa por essas ideologias, os atuais governantes deixam claramente em seus discursos, seus ideais cristãos e conservadores. A extrema-direita de Jair Bolsonaro no poder culmina discursos misóginos que fazem as mulheres brasileiras se identificarem com as Aias. O Brasil é um país patriarcal que controla os corpos femininos, o aborto é proibido, as mulheres não são ouvidas, o casamento para a mulher ainda é esperado, etc.

Assim, a arte não ignora a vida e a presente pesquisa estabelece diálogo entre o governo brasileiro e a situação da mulher no Brasil com o governo de Gilead e as mulheres fictícias, que mesmo numa visão distópica, ressalta o solo social e a opressão que acontece há muitos anos.

<sup>1</sup> Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/manifestantes-se-apropriam-da-cultura-pop-para-ir-as-ruas-22969723>. Acesso em: 12 de set. 2020.

<sup>2</sup> Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45024231>. Acesso em: 12 de set.2020.



### 3. Gênero: construção social ou fator biológico?

Para a realização da proposta de pesquisa, faz-se necessário uma discussão sobre a construção social dos gêneros e como essa construção limita, principalmente as mulheres.

Primordialmente, deve-se destacar que na história ocidental as mulheres sempre ocuparam o segundo lugar no mundo e que os homens são privilegiados por essa prática. O homem sempre teve o poder em mãos, são eles que fizeram as regras de acordo com os seus interesses, de modo que as mulheres não tivessem nenhum poder. Em suma, a sociedade ocidental é patriarcal, pois o homem esteve a frente de quaisquer decisões, assim a relação homem-mulher é calcada em um viés de superioridade de uma parte. Segundo Saffioti (1987):

Assim, torna-se bem claro o processo de *construção social da inferioridade*. O processo correlato é o da *construção social da superioridade*. [...] Logo, a *construção social da supremacia masculina* exige a *construção social da subordinação feminina*. Mulher dócil é a contrapartida de homem *macho*. Mulher frágil é a contraparte de *macho forte*. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do *macho superior*" (SAFFIOTI, 1987, p. 29).

As diferentes funções são dadas a partir do sexo biológico do ser humano, esse fator junto com a ideia de superioridade, condicionaram a mulher na dependência e subserviência. A mulher é fraca, histérica, inferior, já o homem é forte, centrado, superior. A justificativa desse pensamento vem do fator biológico, o corpo da mulher é visto como sensível e o do homem como o enérgico e capaz, assim, no processo de naturalização o homem descriminalizou a mulher, a colocou como sua auxiliar e ele mesmo como o principal. Ao elaborar socialmente fatores biológicos e históricos, o homem conseguiu fazer com que a mulher fosse encerrada em papel menor:

A sociedade investe muito na *naturalização* desse processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é *natural* que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é *natural* sua capacidade de conceber e dar à luz (SAFFIOTI, 1987, p. 9).

Naturalizando que a mulher é fraca e que ela deve ter funções menores por conta disso, que enfim o homem a coloca no âmbito doméstico, assim percebemos que é a valoração biológica que determina desde cedo quem o ser humano será na sociedade.

Desde criança, seres de sexo diferente são criados de jeitos diferentes, enquanto a menina enfrenta a naturalização de fatores biológicos negativos o homem é criado para ser o melhor, será naturalizado positivamente, dessa forma, a menina deve aprender a ser quieta e comportada, e também ajudar em casa enquanto o menino aprende que ele é o macho, o forte, o que deve se aventurar. Desse fato, a menina aprende que ela é só mais uma e que seu sexo não detenta valor enquanto o menino é ensinado a "honrar o que ele tem no meio das pernas", assim o amor pelo pênis gera o que se entende como falocracia, disso resulta que é o poder do macho (SAFFIOTI, 1987) que engendrará as relações sociais. O homem a partir disso vai se sentir superior, e para ter esse poder em mãos, ele sacrifica prazeres e sentimentos, aceitará seu papel de macho e desse estereótipo é que todas as relações irão suceder, ele sendo mutilado irá mutilar quem está abaixo dele, que será as mulheres, assim ele a colocará a seu dever.

Por conseguinte, os valores exaltados socialmente (força, raciocínio lógico, coragem) são atribuídos como características naturais dos homens enquanto as mulheres são caracterizadas pela falta desses valores, elas são fracas, sentimentais e medrosas como se tais valores fossem naturais do sexo feminino. Tudo isso é afirmado diariamente pelas superestruturas ideológicas como a mídia, Estado, Igrejas, etc., e dessas concepções "naturais" de mulher fraca que deve ficar no âmbito doméstico que a mulher é ensinada desde cedo que ela deve ser mãe uma vez que detenta um "instinto materno", pois segundo essa ideologia, a mulher é naturalmente capaz de desenvolver o papel de mãe, ela é mais fraca e cuida da casa, ela é capaz de engravidar então possui uma vontade natural de cuidar e servir a um filho.

Contudo, essas “verdades” biológicas não podem caracterizar um sujeito, uma vez que estes são construídos de forma histórica, política e social. Os valores de alguém deveriam ser dados de acordo com a situação em que cada um vivem, a realidade do sujeito é social, cada um detém valor ao ser posto na sociedade, portanto o viés biológico não é critério para definir o homem e muito menos a mulher:

A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o *Outro*? (BEAUVOIR, 2009, p. 70).

O patriarcado exige que mulheres sejam limitadas. A Idade Média, momento onde ocorreu a Caça às Bruxas, movimento que a Igreja iniciou e assassinou aproximadamente 60 mil mulheres, é um importante período no que concerne à construção social da mulher, posto que a Igreja sempre quis associar a mulher ao mal, para poder controlá-las. O exemplo religioso é muito importante, já que na série escolhida o discurso religioso é o centro da repressão feminina:

Se se recusa a Maria o caráter de esposa é para lhe exaltar mais puramente a Mulher-Mãe. Mas é somente aceitando o papel subordinado que lhe é designado que será glorificada. ‘Eu sou a serva do Senhor.’ Pela primeira vez na história da humanidade, a mãe ajoelha-se diante do filho; reconhece livremente a própria inferioridade. É a suprema vitória masculina que se consuma no culto de Maria: é a reabilitação da mulher pela realização de sua derrota (BEAUVOIR, 2009, p.246).

Em síntese, é a visão cristã tradicionalista que exalta o patriarcado que segrega as mulheres, ter uma mulher dócil é mantê-la em posição de resguardo que a põe sob tutela do homem. Dentro da ideologia da Igreja, a mulher deve seguir o modelo de obediência, mas o principal papel da mulher nessa axiologia é ser mãe. Tornar-se mãe é o requisito principal para ser uma “mulher completa”, e para impor isso, a Igreja calca-se nos papéis biológicos do corpo feminino, pois é da cristalização do “instinto materno” que a Igreja consegue controlá-las: a mulher reproduz portanto a mulher deve dar à luz e se dedicar a um novo ser, e se caso não seguir esse padrão, a mulher é condenada a uma vida de pecadora.

A série *The Handmaid's Tale* (2017, 2018, 2019) traz como ponto principal a maternidade divina a partir de uma naturalização do fator biológico baseado na ideologia bíblica. Como parâmetro, as mulheres devem seguir Maria, que foi mãe virgem, assim as mulheres devem reproduzir, mas apesar disso, devem repudiar o ato sexual, portanto o sexo é visto como reprodução e não prazer. Nesse enunciado estético distópico, a ideologia teocrática e conservadora é acentuada a modo que as mulheres são vistas como incubadoras, o potencial da mulher é ser mãe e para isso, ela deve se casar e ser uma ótima esposa. Apesar de ser uma distopia, não está longe da realidade, por exemplo, ainda existem países onde o aborto é proibido e a educação sexual é escassa, portanto, na ideologia patriarcal a mulher não controla seu próprio corpo, dessa forma o único destino da mulher acaba sendo o tornar-se mãe, pois “Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir: tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proíbem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio” (BEAUVOIR, 2009, p. 93).

Assim, em Gilead, a Aia é um útero e não um sujeito, seu dever é servir a elite e gerar um filho para eles, onde a Esposa assume como a mãe que a Igreja quer. Portanto, na série como na vida, as mulheres devem obedecer ao padrão biológico incutido, e caso não sigam, serão perseguidas. Todavia, as mulheres aceitam esse papel, nessas sociedades patriarcais também foram ensinadas às mulheres que elas devem “padecer no paraíso”, e é pela visão que elas tem si mesmas como vítima e inferior que resignam seu papel. Pelos modelos a serem seguidos e rejeitados, as mulheres buscam serem aprovadas na sociedade e passam a seguir as funções ideológicas colocadas à elas, portanto, a profecia auto-realizadora acontece.

### 3.1. O nó patriarcado-racismo-capitalismo e a hierarquia feminina

Como já dito, o gênero é um dos postulados que influenciam na constituição do sujeito. Na série é notório a hierarquização feminina, gerando cinco grupos principais de mulheres de acordo com as incumbências estabelecidas para cada uma. Contudo, este não é o único viés que determina as funções sociais do ser humano, pois “Constituído em classe, em raça/etnia e em gênero, o sujeito metamorfoseia-se dentro destes limites” (SAFFIOTI, 1997, p. 76). Em outras palavras, é o nó patriarcado-racismo-capitalismo que Saffioti (1987) nos apresenta em seus estudos sobre o gênero que será entendido aqui como forma de constituir cada indivíduo.

Conforme essa teoria, o grupo de mulheres reais não é homogêneo, pois não é somente o gênero que influencia, mas também as castas da classe e da raça. Consequentemente, dentro dos grupos sociais surgem hierarquias que subdividem os seus componentes, e isso também acontece dentro da comunidade feminina. Pensando assim, pode-se notar que não é somente homens que oprimem mulheres, há também mulheres dominadoras pois, “[...] as mulheres não são solidárias enquanto sexo; acham-se primeiramente ligadas à sua classe; os interesses das burguesas e os das mulheres proletárias não coincidem” (BEAUVOIR, 2009, p.184), por isso as mulheres também são responsáveis pela opressão que as mulheres em geral sofrem e por isso dentro desse grupo há a hierarquia: burguesas acima de trabalhadoras e brancas acima de negras.

Assim como na vida, a série apresenta uma hierarquia feminina que forma uma pirâmide social: no topo estão as mulheres da elite, as Esposas, seguida das Tias e mais próximo da base estão as Marthas seguidas pelo mais baixo nível que estão as Aias. Todas, entretanto, enfrentam o machismo patriarcal, teocrático e conservador que a elite impõe nesta sociedade, porém elas aceitam seus encargos. As Esposas, chamadas assim pelo “cargo de esposa” e por ser a peça fundamental da família tradicional, tem privilégios por ser da elite, as casas enormes que moram e os banquetes que usufruem são preparados por Marthas, as roupas azuis são finas e não fazem nenhum serviço braçal, seu serviço é ser mãe e bela para o marido. Enquanto as Marthas (que muitas vezes são minorias étnicas e sempre de baixo escalão) são governantas da elite e as Aias são os úteros em forma de pessoa e as Tias são o braço direito do patriarcado.

Um exemplo real dessa perpetuação da ideologia reacionária por parte das mulheres, é o discurso dos políticos brasileiros que se aproximam do discurso cristão fundamentalista. O seguinte *post* de *Facebook*, retirado da página *Sensacionalista*, é uma manchete humorística que associa o Brasil com Gilead após Damares Alves, pastora evangélica responsável pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, dizer que “menino veste azul e menina veste rosa”.



Figura 3: Manchete de página de humor relacionando a série e a fala da ministra Damares<sup>3</sup>

Na série, cada grupo tem determinadas roupas para demarcar suas funções: as Marthas vestem verde claro que indica proteção, as Tias vestem marrom que remete ao moralismo e ao conservadorismo, e com base na bíblia, a Virgem Maria vestia azul de pureza e a Maria Madalena usava vermelho do pecado, portanto as Esposas vestem azul e as Aias vermelho, que também é uma forma de fácil identificação para manter o controle sob elas já que o vermelho é forte e visto de longe, mas também remete ao sangue de sua função reprodutora e ao pecado do sexo. As Aias também vestem um chapéu com antolho que delimita e direciona sua visão.

A falsa manchete ao dizer que a ministra deixou as meninas usarem vermelho e ao colocar as Aias para ilustrar, mostra que o discurso político brasileiro tem como base a ideologia patriarcal calcada na teocracia, e ao demarcar cores que meninos e meninas devem usar, a ministra não se remete meramente ao estilo, e sim aos papéis sociais de macho e a feminilidade da mulher, do

<sup>3</sup> Fonte: *Sensacionalista*.

mesmo modo que na série as cores das roupas demarcam as funções. O usar rosa para a mulher feminina retoma todo o “complexo de Amélia” que as ideologias querem impor, contudo, a crítica está nas mulheres contemporâneas sendo próximas as mulheres de Gilead, daí a “brincadeira” está na manchete que diz que a ministra aprova o vermelho, ou seja, aprova o papel de Aia e aprova a mulher ser definida pelo caráter biológico e não ser vista como um ser.

Para reiterar, os discursos biologizantes da vida real se tornaram fonte basilar de todo o enredo da série, pois assim como na vida, as superestruturas afirmam que a mulher deve ser mãe para ser completa, a menina é criada servindo uma ideologia que a faz se sentir insuficiente, que a faz buscar o outro e para isso a mulher se prende em padrões estéticos, modos de agir e se portar para que conquiste o homem e enfim se case. Mas ao casar, pensando que se sentirá completa, a mulher ainda se virá presa em uma vida infeliz e faltosa, assim ela buscará o filho.

A ideologia cristã é sempre imposta quando se quer dominar, isso fica claro ao se pensar quando os portugueses invadiram o Brasil e buscaram catequizar os índios e até na Caça às Bruxas, episódio de matanças lideradas pela Igreja. Este episódio, a Inquisição perseguia e torturava pessoas desviadas dos ensinamentos cristãos, e na época, muitas mulheres sem condição manipulava ervas e transformava em remédios para poder cuidar de si, e isso aos olhos da sociedade foi um passe livre para ajudar a impor a ideologia cristã, assim, muitos manuais surgiram dizendo que essas mulheres estavam pactuadas com o Diabo e faziam o mal, logo, as mulheres foram associadas a isso, as curandeiras foram ligadas a forças sobrenaturais e tidas como feiticeiras.

A maioria dos mortos dessa época foram mulheres, muitas de classe baixa e vulneráveis, muitas viúvas, idosas e mulheres com deformidades eram vistas como bruxas, se algo negativo aconteciam alguma mulher era culpada e vista como feiticeira.

Portanto, a ideologia teocrática é um dos maiores fatores para que a mulher se sinta mal. É temendo a Deus que a mulher buscará se entregar a todas as ideias da Igreja, e quando a Igreja diz “case” a mulher irá se entregar por completo ao homem e quando a Igreja diz “tenha filhos para ser feliz e fazer Deus feliz” é que a mulher irá tornar a maternidade como um objetivo.

Desse modo, o androcentrismo da vida real e fictícia é gritante, o machismo faz a mulher menor, o patriarcado a põe em segundo lugar, a teocracia a encarcera. Esta é toda a realidade da mulher desde os primórdios, e é nessa vida confinada que a autora do romance e os roteiristas e as produtoras da série se calcam.

#### **4. *The Handmaid's Tale* vista por uma perspectiva bakhtiniana: elementos basilares da teoria**

Pela concepção bakhtiniana de linguagem, o enunciado estético em análise ganha novas facetas, e nesta pesquisa, tal teoria é imprescindível. Para entender a valoração bíblica (adornada pelo patriarcado) partiremos da concepção de signo ideológico, já que este reflete e refrata realidades. Ao pensar que “O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguais. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sîgnica*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93), podemos perceber que a linguagem é um sistema de signos ideológicos e nesse sentido, a linguagem é ideológica, já que “Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106). Assim, é pela palavra que a ideologia acontece.

O ponto nevrálgico do Círculo russo é o diálogo. Para eles, a palavra é “[...] o *indicador* mais sensível das *mudanças sociais*, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106). Sendo ideológica, é pela língua(gem) que será possível perceber o todo social, mas esse todo se forma por meio do diálogo vivo, então será no embate de ideias e refrações de mundo, que podem ser várias, que ideologias surgem e são tomadas pelas pessoas como verdade e realidade absoluta. Assim, “[...] toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 140). Com isso, é na interação viva proposta pelo Círculo que será a arena para discursos entrarem em embate, é na comunicação dialógica que enunciados responsivos de forças contrárias valorativas em jogo vivo social se encontram, se chocam e são adquiridos pelas pessoas.

##### **4.1. Sujeito-mulher**

Pelo objetivo central da pesquisa, que é a análise das personagens da série, pensar o sujeito bakhtiniano se torna essencial. A constituição do sujeito é um fato que envolve como o tal está na sociedade e na história, daí sua vida e seus atos responsáveis são guiados por essa colocação e serão sempre permeados pela ideologia deste contexto que faz uso da linguagem para ser propagada.

O sujeito estar em um contexto social e histórico é o principal fato que o constitui, pois dentro de Gilead as funções das mulheres remetem ao aspecto biologizante que estas foram submetidas e assim, cada uma delas serão sujeitos a partir desta realidade, elas terão experiências de vida a partir deste contexto e ideologia e isso influenciará na voz social e na verdade que as fundam. Queremos aqui demonstrar que a pessoa é fruto do social, todo o seu pensar, sua refração de vida e sua verdade é advinda de uma realidade já criada, a mulher de Gilead colocada desde sempre em suas incumbências e sempre pertencente a uma hierarquia que a desvaloriza aceitará sua desvalorização, a profecia auto-realizadora ocorre e a mulher será o que a ideologia dominante quer: um útero, uma esposa, uma empregada doméstica e uma propagadora da ideologia. Mas podemos pensar que, por exemplo, a Aia Offred já viveu em “liberdade” fora da ideologia de Gilead, ela sabe que aquela nova refração de vida não a define como mulher, ela não quer ser a Aia, essa não é a sua verdade e por isso ela vai ir contra a ideologia reacionária.

Na teoria bakhtiniana a singularidade do sujeito é um fato de sua constituição, e na série essa é uma questão que mais é dificultada para as mulheres. Referente ao que o Círculo russo chama de ideologia, presente nas superestruturas, o ideológico é expresso pelos enunciados com uma dimensão de valor, o enunciado traz uma posição social axiológica.

Dessa ideia, tudo o que é ideológico tem um significado, logo, é um signo ideológico, e assim o método sociológico bakhtiniano acontece. Mediante o exposto, tudo é parte de uma realidade, todos os signos são sociais e reflexo e refração do mundo, ou seja, nossa relação com o mundo é sempre cheia de valorações.

Reiterando, a palavra é social e por esse seu caráter ela também é atravessada por valores, dessa forma qualquer enunciado afirma um reflexo e uma refração do mundo e é pelo caráter multissêmico do signo que essas diversas verdades do mundo integrarão a sociedade. E sendo

plurivalente, o signo se torna vivo e será por ele que a dinâmica interação de mundos poderá acontecer, assim, de acordo com a voz social que advém da situação do sujeito que os mundos entram em choque, assim, é da dialogicidade da criação ideológica que refrações de mundo, e portanto as vozes sociais, entram em embate.

O sujeito tende a se perceber no mundo e ao se situar, ele se percebe único e assume uma não-neutralidade e passa a se ver de forma singular, pois carrega consigo percepções próprias sobre a vida. Assumir uma voz social é se ver associado a uma dessas diversas valorações do mundo já existentes, e como o signo não é neutro, o sujeito é compelido a tomar uma posição, assim qualquer enunciado responde, afirma e vai contra ideias que já existem. Ser social é não ser neutro, nós enquanto sujeitos vivemos em um emaranhado de refrações que sempre respondem e responderão a alguma ideia, todo enunciado é responsivo e ser sujeito é ser responsivo também, não há como fugir do diálogo, sempre haverá uma dialogia interna que resultará em um embate e daí sempre assumiremos uma voz pois o sujeito não tem alibi (BAKHTIN, 2010).

Ainda assim em Gilead há singularidade, já que algumas Aias como a protagonista se revoltam e outras aceitam suas atribuições passivamente e até elogiam o novo sistema, portanto a singularidade bakhtiniana é uma relação com a sociedade e seus valores e dela depende. Acatar a servidão ou recusá-la é se posicionar e isso depende da perspectiva de cada sujeito, então mesmo que os sujeitos vivenciem a mesma situação, como eles reagirão a isso dependerá de sua singularidade (se vão assumir uma voz contra ou não), daí o fato de diferentes Aias tomarem partidos diferentes. É do diálogo que a singularidade se constrói, pois é da alteridade que nossas ideias se tornam nossas: “[...] a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística - nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros...” (BAKHTIN, 2011, p. 298). Assim, as personagens femininas de Gilead, mesmo com vozes sociais diferentes só se constituem como sujeito a partir das interações estabelecidas entre elas, por exemplo, Serena Joy e June sempre se desafiam e vão contra a ideologia uma da outra, e por mais que não mudem de opinião, após estes embates as duas saem de alguma forma mudada, podemos perceber claramente isso na evolução da personagem Serena no decorrer das temporadas da série, que perceberá com mais frequência os erros da ideologia do qual sempre usufruiu.

#### **4.1.1. Vozes sociais e hierarquia**

Do apontamento feito sobre a singularidade do sujeito que deriva e é derivada de diferentes refrações de mundo, colocadas no seio social pelo signo ideológico multissêmico, percebe-se que a ideologia está no âmbito de relações dialógicas que circulam no todo social e histórico e se materializa nos enunciados de cada componente desta esfera social, uma vez que a língua(gem) é um meio ideológico. Um exemplo é o discurso religioso da série. De acordo com essa orientação ideológica permeada pelo conservadorismo, a elite adorna seu discurso e toma o poder, a fim de reestruturar a sociedade. Por meio da linguagem, a elite da série assume o poder para si, pois é por ela que penetram nos indivíduos e passam a controlá-los e sempre impor a divina maternidade.

Ao assumir um posicionamento ético responsável, o homem se põe em constante diálogo, pois a língua(gem) é viva, está em constante mudança, assim, apoiar-se em uma voz social é assumir diálogo vivo e embate com diversas refrações.

Assim, dividir os sujeitos em dois grupos (infraestrutura e superestrutura) foi essencial quando a baixa taxa de natalidade ameaçou os Estados Unidos, já que Gilead é fruto da estratégia da classe dominante para perpetuar seu domínio, que criou uma verdade e a impôs às pessoas, pois com base no materialismo histórico de Marx e Engels, a superestrutura se aproveita de valores da infraestrutura, e, ao modificá-los os impõe com outro ajuste, que ressalta a sua ideologia.

Na interação do sujeito com outros, cada uma dessas axiologias resulta em várias verdades e vozes sociais, portanto as ideologias vivem em fronteiras infinitas que em embate sempre resultaram em novas refrações, que implicam uma tomada de partido do ser humano. Portanto a vida é dialógica, sempre há um jogo de poderes sociais, e dentro desse jogo existem forças ativas que criam a vida pela linguagem. De acordo com Bakhtin (2015) “Essas forças são as *forças da unificação e centralização* do mundo *verboideológico*” (BAKHTIN, 2015, p. 39). Um exemplo da

força descentralizadora é o grupo de resistência *Mayday* que une Aias e outros trabalhadores para burlar regras do sistema, como compra de produtos que elas não têm acesso e a troca de cartas.

Em *The Handmaid's Tale* (2017, 2018, 2019), o embate das vozes está representado principalmente nas interações das mulheres da série, o discurso patriarcal, conservador e religioso da classe dominante composta pelos Comandantes e Esposas digladiam com outros discursos, como o de June, que retoma as ondas feministas. Aqui fica claro que o enunciado é responsivo, pois cada grupo retoma um discurso já existente (ondas feministas, patriarcado, teocracia etc) e estes interagem novamente, vão contra um ao outro e se modificam, demonstrando o quão viva é a palavra.

A série refrata e reflete as vozes sociais presente na vida, pois a arte advém da realidade, assim, a ideologia dominante traz a voz social do grupo dominador, dos mais abastados e dos homens, já a voz que está em resistência é as das mulheres, as Aias que estão em constante luta contra a dominação do homem, as mulheres que são oprimidas e rechaçadas, caracterizando a superestrutura e a infraestrutura com suas forças centrípetas e centrífugas, pois o discurso de um sujeito é permeado pela esfera da comunicação discursiva na qual esse sujeito se encontra.

A heterodiscursividade está atrelada a realidade em formação e com o ser se constituindo pelo discurso (BAKHTIN, 2015, p.12) pois é dessa forma que as vozes surgem. A Aia Offred desde o início da série representa o movimento contrário do discurso hegemônico, ela, fundamentada pela esfera social discursiva que viveu antes de Gilead, de forma pensada, se posiciona, já que a sua nova esfera é violenta e autoritária, assim ela assume sua voz e resiste ao buscar igualdade entre homens e mulheres e uma melhor situação para o corpo-mulher apartado pela ideologia que a faz ser útero para uma outra mulher agradar a Igreja ao ser mãe, e nessa luta pela igualdade, June é ajudada tanto por Aias que compartilham de suas ideias como pela Martha Rita.

Com caráter centrífugo, a mulher é autossuficiente, mas na força centrípeta a mulher é biologicamente dependente, e pela visão teocrática a mulher é apenas um corpo a ser mãe. Essa bivocalidade prova que a palavra pode ter “[...] duas vozes, dois sentidos e duas expressões. Ademais, essas duas vozes são correlacionadas dialogicamente, como que conhecem uma à outra [...] como se conversassem uma com a outra” (BAKHTIN, 2015, p. 113).

A plurissignificação da mulher mostra como para diferentes ideologias “mulher” pode tomar diferentes sentidos: na ideologia patriarcal-teocrática a mulher é uma coisa e uma parte do corpo, e reduzida a isso que suas funções sociais são colocadas como “instinto”, uma naturalização típica da biologia que caracteriza o “mito do amor materno” (BADINTER, 1985) que é uma construção social que atrela o biológico com o divino/religioso cristalizando a maternidade como algo imanente da mulher. Assim, nessa ideologia há duas significações de mulher: a mulher biológica e a mulher-mãe imaculada enquanto ela deveria ser entendida como é vista (uma outra percepção de mulher) pela ideologia rechaçada: um corpo, um sujeito, uma mulher independente.

As diferentes vozes da série exaltam diferentes visões do que é uma mulher e qual é o seu papel, a bivocalidade do sentido de ser mulher dialogam para se formar, e dentro do discurso exaltam a visão que querem passar, pois a palavra bivocal preza as significações fundidas em uma só voz. Na série, podemos perceber claramente a bivocalidade na evolução de Serena Joy, ora ela é complacente com as mulheres, quer mudanças e ser tratada como um sujeito, mas quando se trata de ser mãe, não mede esforços para machucar e envergonhar sua Aia. Tia Lydia também assume uma bivocalidade, pois no seu trabalho de punir Aias, às vezes se sente mal, mas acaba punindo.

A Aia Offred/June é a voz da resistência, fundada nas ondas feministas que aconteceram no mundo. Ela é a mulher que levanta a bandeira de não aceitação ao imposto, busca desautomatizar o discurso patriarcal e é por sua visão do mundo que a série se baseia, pois ela é personagem principal e narradora. Na série, existem Aias que acham o movimento resistente ruim, pois se sentem melhor por ter uma função em Gilead, mas há Aias que como Offred, que buscam a não discriminação de direitos iguais entre homens e mulheres e que participam de movimentos resistentes.

Reiterando também, a voz social de Serena Joy, a Esposa principal da série, é a do discurso patriarcal-teocrático. Devido seu papel de esposa, ela deve ser devota a Deus, e perante a Deus ela não pode negar sua função biológica de ser mãe. Mas como ela é infértil, Serena usa de Aias para cumprir o instinto materno enraizado nela. Ela é um claro exemplo de falta de sororidade e como o

discurso superestrutural do homem encarna nos próprios oprimidos. Por mais que sua posição da elite seja vantajosa (ela está no topo da pirâmide social da série, atrás apenas dos homens) ela é uma mulher e todas as mulheres de Gilead são oprimidas, e Serena, que era estudada, escritora e até ajudou na tomada de poder religiosa por amar Fred, já que o amor é uma renúncia de si para um senhor (BEAUVOIR, 2009), em Gilead não pode fazer nada a não ser exercer seu papel de esposa-mãe. Ao aceitar ser esposa, aceita também ser mãe e é atingida pela unificação biológico-divina do que é ser mulher, e de seu privilégio de classe, maltrata sua Aia Offred e usufrui do trabalho doméstico de sua Martha Rita, assim ela assume a voz opressora. Mas como mostrado, ora se sente mal com a nova sociedade, ela percebe que o sistema é errado, mas muitas vezes não faz nada, e quando resolve assumir a voz contrária e conectar-se com sua palavra bivocal, ela é punida.

Tia Lydia fiscaliza e pune Aias. Ela é uma das personagens mais agressivas e é mais um exemplo da ideologia encarnada no oprimido. Ela é uma mulher que “adestra” as Aias e que castiga as mulheres que não cumprem seus deveres, assim, demonstra muito bem como é a violência desse sistema, quando uma Aia erra, é Tia Lydia que determina sua punição. Muitas vezes a vemos exercer seu papel sem hesitação, mas também vemos que ela tem consciência de sua incumbência e também do novo sistema: quando seus olhos marejam ao determinar a morte por apedrejamento de uma Aia no último episódio da primeira temporada da série, nota-se a bivocalidade em sua voz, ela sabe que as mulheres sofrem nesse sistema, mas escolhe não contradizer esta ideologia.

A Martha Rita, que faz o serviço pesado da casa dos Waterford, assume uma voz de resistência de forma sorrateira, ela não demonstra muito sua opinião no início, está sempre de cara fechada, mas tem afeto por Offred e a ajuda em seus trabalhos para a Mayday (um grupo de resistência), assim, ela faz parte das mulheres rechaçadas que querem melhorias. Vale lembrar que Rita representa uma minoria, ela tem a pele preta e é uma empregada da casa, o que ressalta a ideologia racista que permeia a mulher negra.

Após evidenciar a ideologia e as vozes desse enunciado estético, e ao pensar que desde o surgimento da linguagem para organizar o trabalho e que esta foi o meio para a divisão de classes sociais, assim, é necessário demonstrar como o grupo feminino então está dividido:

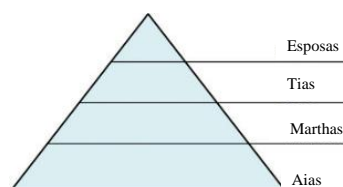


Figura 4: Pirâmide social das mulheres de Gilead<sup>4</sup>



Figura 5: Post Instagram sobre as Castas de Gilead<sup>5</sup>

Incluimos na hierarquia representada pela pirâmide (Fig. 4) aquelas funções que movem o sistema de Gilead, pois sabe-se que há ainda outros tipos de mulheres das quais a série não explora muito, assim, para o que pretende a presente pesquisa, Esposas, Tias, Marthas e Aias são as funções femininas que importam para demonstrar o jogo de vozes da série e a relação arte e vida desse conteúdo estético. O *post* retirado do Instagram chamado *handmaidsbrasil* (Fig. 5) faz referência a um episódio do *podcast Radio Free America*, que comenta as funções e o que é permitido às mulheres, exemplifica de forma direta como isso se dá na série.

Diante dessa discussão, a série heterodiscursiva é palco de vozes sociais fundamentadas em grandes ideologias superestruturais que são recorrentes no mundo real desde quando o homem começou a perceber seu poder de controlar a natureza e por fim, as coisas e as mulheres.

<sup>4</sup> Criação das autoras.

<sup>5</sup> Fonte: *handmaidsbrasil*.



## 5. Arte e vida: *The Handmaid's Tale* em diálogo com a contemporaneidade

*The Handmaid's Tale* é uma série distópica que tem como objetivo maximizar elementos existentes para o consumidor refletir sobre tais elementos. Na época do romance, em 1985, a autora buscou elevar o tema “liberdade feminina” e “corpo feminino”, já que condizia com a realidade da época. A série de 2017, no momento atual, também demonstra interação entre arte e vida.

Relacionamos Gilead e Brasil, que como já apontado, passa por um período onde o governo traz a ideologia reacionária patriarcal e misógina.

Relembrando que todo enunciado responde e permite ser respondido, a série e o romance são enunciados responsivos a ideologia teocrática da Idade Média, época que a Igreja tinha influência e se apropriava do patriarcado para se beneficiar. Mas no contexto atual ainda há tais ideias teocráticos-patriarcais, pois ainda há governos que se baseiam em premissas religiosas para criar suas leis e subjugar mulheres. Desse critério, podemos associar Gilead ao Brasil, que desde as eleições de 2018 traz governantes que disseminam discursos reacionários.

A administração do país está nas mãos de um ex-militar que não nega ser homofóbico e que inúmeras vezes veio a público e distribuiu falas que ofendem as mulheres, Jair Bolsonaro afirma que fraquejou e por isso sua filha caçula nasceu mulher, pois ele é pai de quatro homens e só uma mulher. Mas para exemplificar como o Brasil tem em sua elite pessoas que poderiam ter criado Gilead, está Damares Alves, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, escolhida por Bolsonaro, sendo uma advogada e pastora que se autointitula mestra em educação, direito constitucional e direito de família, título dado por Deus.

Por meio das falas dessa ministra, o Brasil caminha para uma teocracia, pois afirmando barbaridades e distorcendo fatos, o modo de agir desse governo é aos poucos inculcar no país, por meio de Fake News usadas ao seu favor, um tipo de governo baseado em premissas religiosas.

Assumindo a bandeira contra o Estado laico, e propagando políticas religiosas, Damares quer impor a religião no Estado. Há mais de 20 anos na política, a ministra se provou a mais experiente da turma Bolsonaro, já que, “na surdina”, espalha a teocracia.

Damares foi jurista por muitos anos e assessorava parlamentares (cristãos) na criação de leis com premissas religiosas. Para ampliar seus trabalhos, fundou o ANAJURE (Associação Nacional de Juristas Evangélicos), que se dedica ao serviço de assessoramento para parlamentares. Para se associar ao ANAJURE, é necessário seguir tais princípios:

Reconhecemos que o Senhor Jesus Cristo é a revelação de Deus, testemunhada em nossos corações pelo Espírito Santo de Deus. Reconhecemos que a Bíblia é a Palavra de Deus, divinamente inspirada, inerrante, infalível, verdadeira, sendo ela nossa única regra de fé e conduta. Por assim ser, como juristas evangélicos nos comprometemos a viver em santidade, buscando a irrepreensibilidade diante dos homens e das autoridades – eclesiásticas e seculares – que o Senhor estabeleceu sobre nós, estando, necessariamente, vinculados a uma igreja local e, por conseguinte, submisso a autoridade pastoral. Da mesma forma, como juristas evangélicos nos comprometemos a batalhar diligentemente pela fé que uma vez por todas foi dada aos santos, a fé cristã. Comprometemo-nos também a defender as liberdades civis fundamentais, em especial, a liberdade religiosa e de expressão e a amparar os vulneráveis e perseguidos da sociedade. Por fim, comprometemo-nos a desempenhar nosso serviço, como juristas evangélicos, de modo a glorificar ao Senhor Jesus, a edificar e auxiliar a Igreja e a proclamar os valores ínsitos à fé cristã no Brasil e no mundo.<sup>6</sup>

Damares Alves é a arma de Jair para propagar a religião como meio de governo no Brasil, uma vez que toda sua campanha eleitoral trouxe a presença da igreja (evangélica).

A figura 6 denota a indignação do povo ao primeiro pronunciamento de Bolsonaro que trouxe uma oração evangélica em rede nacional. Associado Brasil e Gilead, neste *post*, que traz a Aia Offred de cara fechada juntamente com o verbal *\*The Handmaid's Tale intensifies\**, denota a

<sup>6</sup> ANAJURE. Disponível em: <https://anajure.org.br/missao-objetivos-e-declaracao-de-principios/> Acesso em: 12 de set. de 2020.

reação e o sentir, ou a intensificação de saber que o primeiro posicionamento do atual presidente foi uma oração. Assim, a figura alude o fato que Bolsonaro traz o discurso religioso para a política com o *slogan* de sua campanha: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”:



Figura 6: Print do Twitter<sup>7</sup>



Figura 7: Aias reproduzem *slogan* da campanha presidencial de Bolsonaro<sup>8</sup>



Figura 8: Damares como Tia Lydia<sup>9</sup>

As Aias travam um curto diálogo parecido com o da série, que se cumprimentam com as frases prontas “abençoado seja o fruto” e, como resposta, escutam “que Deus possa abri-lo”, este é o único diálogo que as Aias podem ter. Na figura, as frases foram trocadas pelo lema eleitoral de Jair, que rompe com o ideal de laicidade do Estado e exprime a religião como verdade, um guia moral. A arte da época da eleição prevê o que hoje acontece, a exaltação da ideologia cristã na política, com efeitos negativos à população, especialmente às mulheres. A especulação de um Brasil/Gilead demonstrado aqui manifesta que as mulheres brasileiras de aproximam de ser Aias.

Antes mesmo de ser ministra, Damares já dizia barbaridades como “Não é a política que vai mudar esta nação, é a Igreja”; “É o momento de a Igreja governar”; “A mulher nasceu para ser mãe”; e depois de assumir o cargo, usou de falácias para exprimir seus ideais. Famosa por dizer “beijo gay de *Frozen*”, “ditadura gay”, “Europa masturba bebês de 7 meses”; “escolas obrigam a escolher uma identidade de gênero” e muitas mentiras de forma distorcida. Assim, a ministra é uma mulher que promove a ideologia patriarcal-teocrática de Gilead, ela poderia ser uma Tia:

Partindo da verbivocovisualidade, Damares Alves está representada como uma Tia, suas roupas de “respeito” e sua posição de mando é clara no primeiro plano da figura, sendo maior que as Aias, demonstra seu caráter de chefe e feições sérias que mostram que ela não está de brincadeira e sim em trabalho. Logo atrás estão as Aias, de cabeça baixa, olhando para o chão (o único lugar permitido), demonstrando sua posição servil. As várias Aias parecem estar em movimento, seguindo o caminho que são obrigadas, e ao fundo, todo preto, as Aias caminham pelo escuro mundo ideológico que as assombra. A verbalidade que traz “THE HANDMAID’S TALE” em caixa alta e em branco, destaca que o Brasil tem um Tia entre os governantes, que dissemina a ideologia machista e que busca manter o funcionamento do patriarcado indo contra as próprias mulheres.

Desta forma, nossa pátria se não é, caminha para uma teocracia, se associando a Gilead:



Figura 9: Gilead copia o Brasil. Fonte: Página do Instagram handmaidsbrasil. Acesso em: 07set. 2020.

Como a figura 9 representa, a série é tão atual em suas críticas que podemos associá-la ao contexto brasileiro, assim, Brasil e *The Handmaid's Tale* (2017, 2018, 2019) estão em constante diálogo. Para o Círculo russo arte e vida estão em constante relação, pois, na arte há um mundo real e um mundo representado em que grandes e pequenos tempos dialogam.

<sup>7</sup> Fonte: Página do Instagram - handmaidsbrasil. Acesso em: 13 abr. 2020.

<sup>8</sup> Fonte: Facebook *The Handmaid's Tale Brasil*. Acesso em: 27 fev. 2019.

<sup>9</sup> Fonte: Página do Instagram handmaidsbrasil. Acesso em: 13 abr. 2020.

## 5.1. Em cena

A partir das vozes sociais presente na série e pensando que:

Mesmo nos momentos em que a humanidade reclamava mais asperamente maior número de nascimentos, a necessidade de mão de obra superando a de matérias-primas a explorar, mesmo nas épocas em que a maternidade foi mais venerada, não permitiu ela que as mulheres conquistassem o primeiro lugar (BEAUVOIR, 2009, p.101).

Mesmo na sociedade capitalista a mulher não foi tratada justamente, seria óbvio que na situação de Gilead, a discriminação com elas fosse acontecer de forma exacerbada. O homem reflete e refrata uma visão de mundo e impõe como realidade absoluta há muitos anos.

Como resultado, a mulher desde sempre carrega arquétipos, “Ela pode ser a esposa legal, a namorada oficial, ou pode ser a outra, aquela que proporciona prazer ao homem, mas a quem é negado o direito de ser a mãe dos filhos deste homem” (SAFFIOTI, 1987, p.30). Pensando nisso em relação a série, a mulher que deve ser mãe é a Esposa e a que é negado isso é a Aia, mulher fértil que não é da elite, assim a Aia é a outra, a que dá o prazer. Contudo, pelas concepções religiosas de Gilead, o sexo é procriação, nem Esposa faz sexo com maridos e nem as Aias que geram filhos tem prazer, elas são estupradas, malvistas pelas Esposas e o prazer é todo do homem.

A partir disso e de toda a violência da série, analisamos verbivocovisualmente a cena do episódio 01x03 denominado *Atrasada*. Neste episódio, a Aia Offred está com a menstruação atrasada e como ela já passou pela cerimônia, todos acham que ela está grávida. Assim, todos cuidam dela e a tratam muito bem, demonstrando como a gravidez é valorizada:



Figura 10: Sequência de Fotografias da série *The Handmaid's Tale*<sup>10</sup>

Na figura 10, podemos perceber visualmente a aproximação de Serena com a Aia, ela a toca, a olha ternamente. A Esposa chega até a verbalizar sua felicidade, diz que “Qualquer coisa é possível para aqueles que creem” pois ela e o marido tentam ter filhos há muito tempo e finalmente o terão, ela manteve a fé e o “milagre” apareceu, ela recebeu sua Aia Offred. A cena se passa em um quarto, que recebe uma luz escura, todo o tom da cena é permeado pela escuridão, remetendo que este é um momento tenso entre as personagens. O único feixe de luz sai da janela, em um momento esse feixe aparece quando Serena diz que a Aia é seu “belo milagre”, demonstrando toda a valoração religiosa que a maternidade tem. Este feixe de luz recai sob o ombro da Esposa, remetendo que é ela a mãe imaculada e também mostra que a fé e a esperança dela em se tornar mãe a abençoou com a Aia, que é onde o feixe de luz termina.

Mas, logo em seguida, sua Aia notifica que sua menstruação desceu e que desta vez Serena ainda não será mãe. A reação orgânica de Serena foi franzir o cenho, ela se decepciona e deixa transparecer isso. Automaticamente, volta a ser ríspida, a entonação de sua voz muda, ela trata Offred com a frieza e superioridade natural de sua posição. Nenhum momento volta a mostrar o feixe de luz sob a Esposa, demonstrando sua decepção e como a maternidade é tudo para ela. Serena pergunta quando a menstruação veio, recebe a resposta que foi na noite anterior, e, em questão de segundos puxa a Aia pelo braço e a sai arrastando:



Figura 11: Sequência de Fotografias da série *The Handmaid's Tale*<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Sequência disponível em 00:46:49; 00:46:52; 00:46:56.

<sup>11</sup> Sequência disponível em 00:48:00; 00:48:03; 00:48:11; 00:48:13; 00:48:21.

O caminho para o novo quarto recebe uma iluminação precária, remetendo que tanto para a Aia quanto para a Esposa, esse é um momento ruim, pois Serena está decepcionada já que ansiava ser mãe, e Offred está com medo da reação da mulher. Serena mal entra no quarto e a joga no chão, a Aia cai e paralisa, demonstrando todo o seu medo e vergonha por estar nessa situação, obrigada a ser maltratada. Logo, Serena diz “Você vai ficar aqui, e não vai sair desse quarto, você entendeu?” seu tom é autoritário. Como a Aia não responde, Serena se agacha ao lado da mulher e grita “Responde, você entendeu?”, e recebe uma resposta baixa e amedrontada “Sim, Sra. Waterford”, com isso, Serena levanta e para a porta mais uma vez, olha a Aia com ódio e diz: “Sua situação pode piorar muito”, assim sai do quarto batendo a porta.

Na segunda temporada, Serena passa por momentos que a tiram da cegueira implantada por Gilead. Haverá uma inauguração de um novo Centro Vermelho, que será atacado por um atentado que muitos saem feridos. Quando seu marido está hospitalizado, ela e a Aia Offred redigem documentos, e isso a faz lembrar do poder em ser alfabetizada e como sua futura filha (a Aia já esteve grávida e Nichole nasceu) estaria sendo privada disso. Depois deste atentado que virou notícia mundial, os Waterford vão ao Canadá promover Gilead, aqui, Serena relembra da vida de antes e até recebe uma proposta de fugir para o Havaí, porém, com relutância por ainda estar passando por esse embate, por ainda não formar sua opinião real sobre tudo, ela recusa. O próximo movimento de Serena que demonstra sua bivocalidade e como ela assume uma voz social de luta, ela tentará legalizar a alfabetização das mulheres.

Em uma conversa com outra Esposa sobre os futuros das filhas, Serena começa a sondar as ideias de outras Esposas para verem se acham que “a vida de propósito para os filhos de Gilead” as preocupa. Assim, ela conversa com as demais, e Serena parece ao lado de outra Esposa e a frente de todas, a câmera foca no busto delas, indicando que as duas lideram essa ideia, enquanto as outras as escutam. A sala permeia uma luz clara, é toda branca, remetendo que estas mulheres estão passando por um momento de clareza, até o lustre por cima das líderes remetem que o ideal vem delas e representa um momento de epifania entre todas. Com isso, as Esposas se juntam para propor uma emenda, pois apesar de serem como Serena, sabem que Gilead se esconde atrás da faixa religiosa para maltratar mulheres, porém o medo e até o temor a Deus as controla. Assim, Serena como líder se apresenta aos Comandantes (onde seu marido também está), recebe comentários misóginos e um olhar feroz de Fred. Porém, Serena continua, pois, a aliança de Gilead permite que “cidadãos de bem” apresentem emendas a serem consideradas, assim, ela diz as Esposas vieram para propor uma:



Figura 12: Sequência de Fotogramas da série *The Handmaid's Tale*<sup>12</sup>

Como se nota, as reações orgânicas dos Comandantes ao verem suas mulheres irem de certa forma, desafiá-los demonstra que nenhum dos homens estão gostando dessa repentina revolta. Por mais amigáveis que as “servas do senhor” se apresentem, elas obviamente não serão ouvidas. Aqui as Esposas assumem uma voz de resistência e tentam mudar o fato de que elas não podem ao menos ler, e juntas tomam coragem. O local desse embate de vozes é mais uma vez escurecido, feixes de luzes recaem sob as Esposas pois sua voz agora é uma voz infraestrutural, enquanto os homens e toda a sala que são deles é escura, é autoritária e superestrutural, assim como sua ideologia.

Serena começa seu argumento dizendo que “Como servas fiéis, é nosso dever garantir que os filhos de Gilead sigam as leis da escritura, a escritura sagrada é um milagre, é uma dádiva dada por Deus para toda a humanidade. Nós acreditamos que nossos filhos e filhas devam aprender a lê-la”. Assim, por mais que estejam em resistência as Esposas ainda não se veem desligadas de Gilead, elas ainda temem a Deus e ainda vão ser submissas e até usam a teocracia como argumento.

<sup>12</sup> Sequência disponível em: 00:24:29; 00:24:31; 00:24:34; 00:24:40; 00:24:44; 00:25:06.

Depois desse discurso, os homens dizem que vão pensar e Serena percebe que não a levaram a sério, então, desembrolha uma bíblia e a lê na frente de todos, o que é proibido. As reações causadas por esse ato são a fúria de Fred e o medo de algumas Esposas, que se retiram do lugar:



Figura 13: Sequência de Fotogramas da série *The Handmaid's Tale*<sup>13</sup>

O jogo de luz resistente agora aparece no topo da cabeça de Serena, pois neste momento, enquanto as outras mulheres se dão por vencida e não concordam com essa leitura e por isso saem da sala, a voz social bivocal de luta permanece no discurso da Sra. Waterford.

Serena defende uma emenda constitucional contra os homens e a favor das mulheres que, verbaliza, foi um ato de coragem para o bem maior. Fred vem ao encontro das mulheres e, após seu cumprimento cristão, dispensa-as sem respostas. Assim, ficam esposa e marido em cena. O homem demonstra ódio em sua expressão e a mulher tenta uma amigável aproximação, mas ele continua frio. Serena afirma que isso foi pela Nichole, para servir de exemplo e Fred diz “e vai servir”:



Figura 14: Sequência de Fotogramas da série *The Handmaid's Tale*<sup>14</sup>

Aos gritos, Serena é tirada dali e sofre um “corretivo” por desafiar os homens e por humilhar seu marido: um de seus dedos da mão é cortado.

A partir disso, Serena sabe até onde Gilead e seu marido podem ir, sabe que ela já se encontra presa nesse lugar e teme pela filha, e a deixa ir com June em sua fuga que acontece no mesmo episódio. Serena, após o embate de vozes em si abre mão da maternidade, e por amor que sente pela criança, deixa-a para ter certeza que esta não viva como ela. Mas ainda esta mulher terá medo da ideologia reacionária, ela ainda vai continuar submissa, pois ainda que tenha a real consciência, Serena permanecerá do lado de Gilead e vai tentar recuperar a “filha”, continuando sendo oprimida. Assim, fica claro verbivocovisualmente a voz desta personagem.

Também no episódio 01x03, quando os *Olhos* procuram Offred em sua casa para que ela deponha contra sua companheira de compras Ofglen, pois ela mantinha relacionamento com uma Martha e todas foram pegas, é Tia Lydia que bate enquanto o homem faz as perguntas.

Olhando nos olhos da Aia, Tia Lydia afirma com ódio que Ofglen era “uma coisa, era uma ofensa para Deus, um animal asqueroso”. A ideologia patriarcal-teocrática é homofóbica por preceitos bíblicos. Perguntam o porquê dela não ter relatado, Offred responde que a outra Aia é sua amiga, os dois agentes do sistema se olham e Tia Lydia, apontando a arma de choque para a Aia, manda-a lembrar das Escrituras e recita em tom de aviso: “Abençoado os nossos” e sai. A Aia, nervosa e em resistência, demonstra sua voz social e termina o trecho, com muita raiva: “E abençoados aqueles que sofrem pela causa da justiça, pois deles é o reino dos céus” (Mateus 5:10):



Figura 15: Sequência de Fotogramas da série *The Handmaid's Tale*<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Sequência disponível em: 00:26:11; 00:26:27; 00:26:35.

<sup>14</sup> Sequência disponível em: 00:28:07; 00:28:13; 00:28:22; 00:28:29.

<sup>15</sup> Sequência disponível em 00:31:00; 00:31:03; 00:31:14; 00:31:21; 00:31:38.

E Tia Lydia, furiosa, a espanca demonstrando qual voz social é a dela:



Figura 16: Sequência de Fotogramas da série *The Handmaid's Tale*<sup>16</sup>

Tia Lydia a derruba com um golpe no rosto e usa a arma de choque contra ela, e nesse momento Serena interfere pois acha que a Aia está grávida, e Tia Lydia, ao saber disso, tem a reação orgânica de pôr a mão no rosto. Assim, as duas mulheres (Tia e Esposa) demonstram em seus atos éticos que não se importam com a Aia e sim com a gravidez, só a maternidade importa nessa região.

Em Gilead, há muitos rituais que vão desde a Cerimônia de estupro às Aias até *The Salvaging*, que tornam as Aias cúmplices da violência deste lugar. Convocadas por três toques de sinos, as servas são convocadas a formarem um círculo em volta de acusados e espancaram-vos até a morte. No último episódio da primeira temporada, intitulado *Noite*, Tia Lydia reúne as Aias para que elas punam uma de suas companheiras, que tentou se suicidar com seu bebê no colo. Nessa cena, que é muito difícil para as Aias, até Tia Lydia sofre, ela não quer fazer isso, ela sabe que é muito radical e pensa que a Aia deveria ter agido como a sociedade quer, ou seja, é difícil para ela ter que punir mas por medo de ser punida, ela prefere seguir a ideologia:



Figura 17: Sequência de Fotogramas da série *The Handmaid's Tale*<sup>17</sup>

Em seu discurso, que reflete e refrata as premissas cristãs, a Tia faz pausas e observa as Aias, pois ela sabe do peso das ações que seguirão. Comtempla o céu, o clima de neve, exalta os milagres divinos, a dádiva da vida e do nascer de uma criança, dessa forma, fala que o pecado maior é fazer mal a uma criança. Ao colocar as Aias de pé para apedrejar a colega, ela diz com olhos marejados e a voz embargada pelo choro que sabe que é difícil mas “Deus nos dá as bênçãos e também nos dá desafios, o preço maior do amor d’Ele às vezes é alto, mas precisa ser pago”.

Mas como já dito, há também as vozes de resistência que aparecem no embate dialético-dialógico da série. No início, as personagens sondam o governo que são contra, percebem que ali não haverá melhoras para as mulheres e assumem uma voz infraestrutura com força centrífuga.

A Aia Offred diversas vezes enfrenta seus agressores, ela participa dos movimentos resistentes e trabalha para que consiga fugir e recuperar suas filhas. Ela é o maior exemplo de resistência da série, que junto de outras mulheres buscam mudanças.

No episódio 01x02 denominado *June*, Offred já está grávida e passa por torturas junto de outras Aias por desobedecer e não apedrejar a amiga. Mas logo a notícia de um bebê a caminho a tira do castigo enquanto as outras continuam. Cansada de tudo, Offred relembra o passado com sua filha Hannah e seu marido Luke, passa por um exame ginecológico, onde é ameaçada por Serena que não vai aturar mais nenhuma desobediência dela, pois ela sabe dos encontros de June e Fred (que são aturados por June para que ela possa praticar atos de resistência). Nessa consulta, o *Olho Nick*, que é par romântico (romance proibido por Gilead) e pai do bebê de Offred, a ajuda fugir. Esta é a primeira fuga da Aia, ela se esconde pois está sendo procurada, e numa espécie de depósito velho e escuro ela fica, corta o cabelo, troca de roupas (Fig. 18).

Ao tirar a roupa, o choque em sua face é estridente, ela está em transe pela possibilidade de sair de Gilead e o ato de queimar suas roupas de Aia marca o renascimento de June, uma mulher

<sup>16</sup> Sequência disponível em 00:31:41; 00:31:42; 00:31:45; 00:31:51; 00:31:53.

<sup>17</sup> Sequência disponível em 00:45:51; 00:45:53.

livre. Recebendo uma tesoura de Nick, June começa a se desvencilhar de Offred: ela corta seu cabelo e, ao passar a mão pela orelha, lembra da marcação que as Aias carregam (como bois) e em um ato de desespero para não ser mais uma serva, ela arranca essa marca com a tesoura (Fig. 19).



Figura 18: Sequência de Fotogramas da série *The Handmaid's Tale*<sup>18</sup>

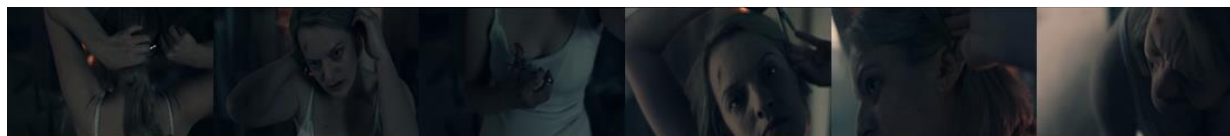


Figura 19: Sequência de Fotogramas da série *The Handmaid's Tale*<sup>19</sup>

Ela sangra muito e sofre, mas a maior dor é ser serva de um lugar sexista-teocrático, assim, June se levanta, ela reverbera sua voz social centrífuga de resistência. E na luz (da iluminação e da clareza de ser ela de verdade), June renasce e verbaliza seu ressurgimento: “Meu nome é June Osborne. Sou de Brooklyn, Massachusetts. Tenho 34 anos. Meço 1,60m de altura. Peso 55 kg. Tenho ovários saudáveis. Estou grávida de 5 semanas. Estou livre”.

Dentre as pessoas chamadas a ajudar a resistência está a Martha Rita, que no início da série mantinha-se distante de Offred, mas acaba tendo afeto por ela e a ajudando em alguns momentos. Rita é uma mulher que não concorda com o sistema, mas tinha medo de se rebelar. Com o tempo, assume a resistência com June. No episódio 03x12, denominado *Sacrifício*, Rita quer participar do plano de June para resgatar 52 crianças e se mostra uma aliada da Aia, descontente com a opressão:



20: Sequência de Fotogramas da série *The Handmaid's Tale*<sup>20</sup>

Figura

No jogo de câmeras, a cena começa de cima, mostrando que as mulheres para poderem se comunicar permanecem juntas escolhendo batatas, mal mexem a boca e seus olhares são discretos. Rita diz que sabe dos planos das Marthas e pediu para participar, pergunta se o plano é da Aia e ela responde com o olhar, pois elas estão sendo vigiadas. Contudo, em seguida suas mãos se tocam, seus dedos se entrelaçam, o que mostra que as duas caminham juntas nessa luta e que o afeto entre elas é forte. As duas se tornaram grandes amigas, a Martha apoia as decisões da Aia, pois já a viu sofrer em Gilead e já cuidou dela na casa dos Waterford.

E Rita realmente participa do plano no episódio 03x13, *Mayday*. Juntas e com a ajuda de várias Aias e Marthas, 52 crianças são tiradas de Gilead em um ato de resistência às leis do lugar:



Figura 21: Fotograma da série *The Handmaid's Tale*<sup>21</sup>

Pelo enunciado da série, as vozes reverberam os posicionamentos dos sujeitos. Com isso, o embate de vozes sociais que constitui as mulheres se revela em todo o audiovisual.

<sup>18</sup> Sequência disponível em 00:49:54; 00:49:57; 00:50:37; 00:50:52.

<sup>19</sup> Sequência disponível em 00:51:35; 00:51:59; 00:52:14; 00:52:29; 00:52:35; 00:52:59.

<sup>20</sup> Sequência disponível em 00:11:51; 00:11:56; 00:11:58; 00:12:18.

<sup>21</sup> Disponível em 00:55:50.

## Considerações finais: discussão dos resultados

Indubitavelmente, após todas as questões elencadas podemos perceber que a distância entre a sociedade apresentada pela série e a sociedade contemporânea principalmente a brasileira não é longa, ainda há mulheres que são vistas em sua função biologizante respaldadas em sistemas opressores como o Estado e a Igreja. A mulher-mãe, esposa, empregada e concubina ainda existem, ainda enjaulam mulheres em caixas e funções que devem ser seguidas e não contestadas, Igrejas ainda pregam a mulher casada e mãe como a mulher completa, leis ainda proíbem o aborto e preferem mulheres mortas e crianças na rua, leis ainda não dão direitos complacentes para domésticas, ainda ensinam a menina a visar um bom casamento.

As mulheres de hoje, assim como nossas antecessoras, não estão livres dos estigmas tradicionalistas-patriarcais, e quando há uma mulher que não segue tais ideias, esta é vista de forma deturpada. Se a mulher não tem um marido, esta ficou “para titia”; se não tem filhos, esta não conhece o verdadeiro amor, é incompleta e desnaturada; se a mulher visa uma carreira que não seja a doméstica, esta quer ser homem e se esta ainda tem um parceiro e trabalha, esta não é uma boa esposa pois não cuida do marido; e se a mulher é lésbica, isso é falta de um homem. Com isso, se a mulher quer ser algo além do imposto, esta é errada. Devemos ser Maria e não Eva. E para piorar a situação das mulheres, aquelas que chegam em posições inimagináveis para mulheres, como por exemplo as que estão em esferas políticas como a ministra Damares, elas não trabalham por mudanças estruturais, estas reafirmam o discurso patriarcal. Assim como acontece na série, as mulheres estão divididas e seus discursos também.

Portanto, a importância social desta pesquisa foi provar que por mais distópica que seja *The Handmaid's Tale* (2017, 2018, 2019), ela não foge da realidade. Mulheres ainda hão de lutar muito.



## Referências

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro** – Bakhtin nas Ciências Humanas. Rio de Janeiro: MUSA, 2004.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAKHTIN, M. **Discurso na vida e discurso na arte – sobre a poética sociológica**. Tradução para uso didático, com base na tradução inglesa: VOLOSHINOV, V. N. *Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics*, in: *Freudism*. Nova York: Academic Press, 1976. Mimeo, s/d.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João, 2010
- BAKHTIN, M. (1975). **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: UNESP, 1988.
- BAKHTIN, M. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. (1929) **Problemas da Poética de Dostoievski**. São Paulo: Forense, 1997.
- BAKHTIN, M. **Freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Rio de Janeiro: 34, 2012.
- BAKHTIN, M. (1895-1975) **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: 34, 2015.
- BAKHTIN, M. (1895-1975) **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: 34, 2018.
- BAKHTIN, M. (1895-1975) **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34. 2016.
- BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: 34, 2017.
- BEAUVOIR, S. 1908-1986. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.
- BÍBLIA, A. T. **Bíblia Sagrada Edição Pastoral**. Brasília, 1991.
- BODART, C. das N. **Infraestrutura e superestrutura em Marx**. Blog Cagé com Sociologia. com. Disponível em: [linkdapostagemaquai](http://linkdapostagemaquai.com). Acesso em: 23 de março de 2020.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.
- FEDERICI, S. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação primitiva**. 1. ed. [S. l.]: Elefante, 2018. 460 p.
- FERREIRA, G. G. **Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo**. In: *Lutas Sociais*, São Paulo, vol.20 n.36, p.166-178, jan./jun. 2016.
- FREITAS, M. T. A; Jobim e Souza, S. e Kramer, S. (Orgs.) **Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.
- GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.
- KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MELO, J. R. B. **Vozes sociais em construção: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2017.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Volume 1, Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis**. Volume 2, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. Volume 3, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: concepções em construção**. Volume 4, Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2019.
- PAULA, L. de. **Verbivocovisualidade**: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem. Projeto de Pesquisa em andamento. Assis: UNESP, 2017b. Mimeo, s/d.
- PAULA, L. de. O enunciado verbivocovisual de animação – a valoração do “amor verdadeiro” Disney – uma análise de Frozen. In: FERNANDES JR., A.; STAFUZZA, G. B. (Orgs.). **Discursividades Contemporâneas**: política, corpo, diálogo. Série Estudos da Linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p. 287-314.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), p. 706-722, jun 2020a. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691/1713>. Acesso em: 16 set. 2020a.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. **Revista Diálogos (RevDia)**, p. 111-131, v. 8 n. 3 (2020): Intergrupos: estudos bakhtinianos, 2020b. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 28 nov. 2020b.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. **Linha D'Água**, (Online), São Paulo, v. 33, n. 3, p. 105-134, set.-dez. 2020c. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 28 nov. 2020c.
- PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Recepções do pensamento bakhtiniano no ocidente: a verbivocovisualidade no Brasil. In: BUTTURI JÚNIOR, A.; BRAGA, S.; SOARES, T. B. (Orgs.). **No Campo Discursivo**: teoria e análise. Campinas: Pontes, 2020d, p. 133-166.
- PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. **Raído**, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jul. 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/6507>. Acesso em: 10 out. 2020.
- PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O Marxismo do/no Círculo. In: STAFUZZA, G. B. (Org.). **Slovo** – O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos. Curitiba: Appris, 2011, p. 79-98.
- PEREIRA, A. de A. N. **O conto da aia no século XXI: O romance, a série e seus contextos históricos**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 2018, Brasília. Anais Eletrônicos... Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais-artigos/?id=2803>. Acesso em: 20. nov. 2019.
- PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.
- SAFFIOTI, H. **Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade**. Lutas sociais, n. 2, p. 59-79, 1997
- SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- STUDART, H. **Mulher: objeto de cama e mesa**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João, 2013.
- VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Rio de Janeiro: 34, 2017.
- VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. São Paulo: Editora 34, 2019.
- Filmografia
- SKOGLAND, K.; PODESWA, J.; REID, D. **The Handmaid's Tale**. 1ª, 2ª, 3ª temporadas. Estados Unidos: MGM Television, 2017, 2018 e 2019.